

A LAGRIMA

Quinzenario Illustrado

Ed. responsavel: José Francisco da Silva

Barcellos, 21 de outubro de 1900

Red. e offic.: Typographia Barcellense

Anno (Barcellos) 480, (Provincias) 600

COISAS VELHAS

Para que se não diga, que o Archeologo desapareceu das e lumias da «Lagrima» como o Rômen se eclipsou nas columnas do «Commercio» e deixou de nos pôr estes ossos n'um feixe, lembrando-me de uma partida velha, vou passal-a já nos linguados para o proximo numero d' «A Lagrima».

Eu estava em Braga a estudar; foi isto em 1859.— A minha patrão serviu-me ao jantar, em uma sexta-feira, peixes miudos do rio.

A suffreguidão escolastica, com que eu comia os peixitos, fez com que uma espinha bem pequena se me ar ancasse na garganta.

Pedaços de trigo, nacos de broa, golos furtos d'agua, de vinho, de chá, de café, tudo, em fim, era impotente para que a espinhita seguisse o seu caminho, e deixasse de me picar cruelmente na garganta, a ponto de me não deixar fallar se não com as lagrimas nos olhos; um horror!

E assim todo o resto do dia e toda a santa noite com uma lança cravada na guella.

Pela manhã cedo lá vou eu para as aulas sem ter estudado nada, e sem poder fallar.

Pedi aos professores dispensa das lições, allegando o motivo da escusa; recebi por conselho, que fosse consultar um médico.

Assim o fiz. Fui ao Campo de Sant'Anna consultar o dr. Rodrigues, que, pouco depois, se retirou de Braga.

O dr. viu, examinou, mirou e remirou a garganta, tendo-me, boa meia hora, de bocca escancarada, e concluiu por dizer-me, que, se passadas mais 24 horas a espinha insistisse no seu posto, teria de passar por uma operação, que elle me faria com facilidade.

Calcule-se como eu voltava a casa! A ideia de uma operação, era uma segunda espinha, que já me picava mais, do que a espinha do peixito.

Nem me quero recordar da minha situação! Jantei, como pude, e deitei-me com um grande desalento, por que a espinha lá picava sempre no mesmo sitio!

Quasi ao fim da tarde entrou-me no quarto o Manoel Machado, hoje abbade de Priscos, e o João Carvalho, capellão hoje do Azillo de D. Pedro V. em Braga, e, sem mais cumprimentos, intimam-me para que sahisse já, e os acompanhasse em uma *locata* a Palmeira.

O quê! disse eu; vós estaes doidos?! Eu estou aqui esganado, desde hontem ao jantar, com uma espinha de peixe; e já é inevitavel o ter de soffrer amanhã uma operação; eu não vou. Qual não vaes! Anda d'ali, deixa-te d'isso! Vamos! E' quasi noite. Um puxa d'aqui, outro puxa d'ali, e lá vae o pobre estafermo, meio morto e meio vivo, com a rebecca debaixo do braço.

Junta-se a *troupe* ali para os lados de S. Vicente, e lá vamos nós estrada fóra até á freguezia de Palmeira.

Uma vez ali chegados afinamos os instrumentos, e, com uma bonita serenata, davamos entrada em a casa de um cidadão, que me pareceu homem de bom gosto e em extremo obsequiador. Se bem me recordo, parece me que se chamava—Tourão.—

Tocadas tres peças do n'sso repertorio, fomos convidados a tomar o chá.

Que noite de fôme nós vamos apanhar! diz-me do lado o João Albuquerque, que morreu com um posto médico na rua de Santo Antonio no Porto, previne-te, que eu vou fazer o mesmo; e, apanhando biscoitos ás mãos cheias, ia fazendo nos bolços previsão para a noiteada.

N'esta conjunctura o domno da casa, homem bizarro e generoso, convidava-nos a que nos prevenissemos, por que só depois de dár meia noite nos seria servida a ceia, que era de carne! Oh! que santa alegria! O João Albuquerque deu-me tamanha cotobellada, cheio de satisfação, que me fez desaparecer a espinha da garganta prompto desde aquelle momento fez-me entrar em fôgo.

E assim escapei á operação que o dr. Rodrigues me faria inevitavelmente no domingo pela manhã, passando uma noite alegre entre girandolas de gargalhadas, que antecederam, e se succederam a uma ceia abundante, selecta e deliciosa, que nos fez estar até pela manhã em o mais aprazivel passa tempo.

Aqui está como o meu querido Manoel José de Souza, que é hoje um cosinheiro distinctissimo, me livrou d'uma espinha na garganta.

Archeologo

Um empregado no commercio, dos Arcos, cuspiendo três vezes fóra e acendendo a ponta d'um charuto de vintem, fallando sobre o encerramento das lojas ao domingo, disse n'uma reunião de collegas:

A LAGRIMA

—«Barcellos, uma terra com quatro casas..., fecha os seus estabelecimentos ao domingo, e os Arcos, uma villa tão civilisada, por que não a ha de imitar?»

Ora imitar uma povoação como a nossa, que pelos geitos não é mais que Paio Pires, descalça e em «mangas de cabello», é fazer retroceder os Arcos até nós, na linha do progresso...

A respeito das quatro casas, o pantomineiro, pela certa só conhece aqui a cadeia, as torres, o matadouro e a casinha da Bagoeira.

O caixiróla decerto não sabe que foi d'esta villa que Herculano escreveu:

«Barcellos, Barcellos, villa de marmore e de granito, rainha do Cavaço, tu és a mais formosa entre as villas do mundo, e a brisa que varre os teus outeiros, é pura como o céu azul que se espelha no teu amplo porto, semelhante a um grande mar... mélo.»

Se tão grande *zavato* vier a esta villa, ha de puchar ao automobil, já que elle não anda nem a fôgo...

Jayme de Seguíer

Algumas incorrecções saíram na biographia do nosso illustre patriótico e distincto poeta. Seu pae chamava-se Carlos da Silva de Séguier, e não Carlos Augusto. A notavel poesia que escreveu, e tanto successo fez, pela occasião da morte do celebre Littré, intitulava-se «A morte do Atheu», em vez de «A morte de Abreu».

Salvamos estas incorrecções.

Os músicos em Barcellos estão sempre a dar raia, e só não a dão, quando a comem... em Espozende.

Sabendo elles que o Mattos fôra um protector da banda Barcellense, escusaram-se a acompanhal-o á ultima morada, com o futil pretexto de não occuparem no enterro um logar que lhes parecia ser proprio.

Se o morto em vez de ser um homem—e um homem a valer!—fosse um carneiro cheio de picado, acompanhavam-n'o até ao fim do mundo e faziam dos instrumentos como que canecas, para os encher de vinho com que empurrassem o *mé* para as profundas do *ventre*.

Cheios de *remorso*, porque deviam ir no sahimiento, se não a tocar, então fôra de fórma, pretenderam fazer-se ouvir no côro do Bom Jesus da Cruz, durante a cerimonia d'uma missa resada por alma do inlitoso finado.

Mas quê! Os afficcionad's (como se diz dos apreciadores de touros) da outra... banda, cortaram-lhe as *vasas* pela calada, conseguindo que a familia do Mattos desistisse da muzica, e no momento que, fardada, a phylarmonica Barcellense, transpозesse o limiar do templo, um patusco qualquer mandava-a embora.

O Marcos que é doceiro, typographo e muzicô, ¿de que se ha de lembrar? Vae meio fardado e meio á paisan'a á cata d'um padre, para assim dar um *quinnu* (tambem pela calada) nos afficcionad's que pretendiam embasbacal-o e aos companheiros.

De prompto—em 20 minutos—arranjou um ecclesiastico, e, á mesma hora que a familia, a banda Barcellense mandava suffragar a alma do seu protector.

¿Querem coisa mais apurada que esta? Sabia nos da Semana Santa em a rosto, em Ponte do Lima, mas missa em .. desforço «só em Barcellos houve um dia.»

E este desforço, custou 30 réis a cada... clarinete. Menos ao Souza das Machinas, que nem *vá* largou, porque o Mattos não mais lhe pôde dar vinho fino e outras quinquilherias...

Que ridiculos!

Amigo Soucasaux

Do nosso collega de redacção, A. Lelesma, li a carta em que se te dirigia, com aquella sua grande franqueza spartana, innata nos espiritos ingenuamente bem formados, irradiando juveniz enthusiasmos nas coisas apparentes e fôscas da vida.

Como to los leram, ás referencias amaveis e criticas de que sou objecto n'essa epistola, vou responder, agradecendo em primeiro logar a honra de ter sido lembrado para assumpto de sua critica penetrante; e, em segundo, confessar-me perfeitamente catechizado por sua tão selecta como detalhada doutrina.

Mea culpa! Sim, tem razão o meu illustre collega; pois ha coisa alguma que possa egualar-se ás dulcissimas melopéias e aos gratos zumbidos que um rebanho de môscas, em digressão balnear, nos vêm murmurar apaixonadamente aos ouvidos, desacaando nos o collarinho alvinite com o seu cartão de visita?

Mea culpa!

Pinheiras sombrios d'Apulia, guardae as vossas emanacões selvagens, para que as azas d'alguma briza curiosa não vos levem para o sul, in lo assim promiscuar-vos aleivosamente com os aromas aristocratas das cabças de peixe podre e com os suggestivos perfumes fugidos á capucha d'alguma tasca manhosa!

Mea culpa!

Tem mil vezes razão o meu presado collega! Que noites ideaes n'aquelle theatro onde a real companhia «Luz e Esperança,» nos assasina audaciosa e intemerata a litteratura portugueza, com aprazivel acolhimento que o delirio dos espectadores significa em ruidoso silencio e prolongados bocejos!

A LAGRIMA

Mea culpa!

«Que pequei eu bem conheço» por isso, calla os teus gemidos ó mar d'Apulia, que nós queremos ouvir as melancolicas cantilenas que fluem no ar como cantos de corovão exprimidos por artisticos *quartetos* que em todos os cafés da Povoia este anno se faziam ouvir!

E vós, filhas da Eva Hespanhola, gentis creações d'uma Eva aparte, como recamaes de lentejoulas os meus sonhos ibericos, como sois seductoramente bellas agitando as vossas mantilhas ao denodado *matador* que d'uma estocada *maestra y valiente* prostra exangue a seus pés o touro iracundo! E só na Povoia se vê disto, que é a aurora das *hijas de Triana*, nas taboas rijas e eflicacamente *sustias* d'um camarote barato!

Mea culpa!

O meu caro amigo e collega, eis-me constricto e penitente, e d'ora avante abjuro e detesto aquella bucolica solidão que só pode produzir saudades das *praias grandes*, abominarei os amigos de todos os dias, os companheiros do banho e da caça, odiarei as filhas semsabores da Eva portugueza; e, finalmente farei, em consequencia da minha influencia politica, d'Apulia uma regedoria de quarta classel.

Agora, eu vos agradeço meu bom amigo e collega, o ter-me levado a bom caminho, quando eu inconscientemente transviado tão longe ia d'elle.

Tu, Soucasaux, perpetua na tua alma a verdade d'este arrependimento que torno publico, e peço-te como amigos velhos que não me chuches por ter virado a casaca!

Aos dois, um abraço e a expressão *ainda que rude mas sincera* da minha amisade.

Barcellos, 19 de outubro de 1900.

A. Braz.

Necessidades, 18 de outubro

As necessidades d'esta terra são tão diminutas, que não merecem ser relatadas, salvo a grande aninção que aqui vae por motivo dos festejos do Infante D. Alfonso Henriques no Porto.

Assim o ouvi outro dia em casa do Chapa, a uma elegante pessoa, que tão bem se sabe expressar...

Na mesma occasião tambem o Fernandes soltou outra pessima, dizendo que os artistas da nossa freguezia trajam melhor na *sebelisagão*, que os *citules* de Barcellos.

A ignorancia não acaba aqui, pois entrando em casa do sr. Leopoldino e encontrando o João Mê la com os seus cinco sentidos n'um livro de cartas amorosas, por simples *beriga* perguntei-lhe se... aquelle romance era original, ao que mestre Mêda respondeu não ser, pois que tinha-lhe custado 200 réis...

Agora direi para terminar que o sr. Alexan-

drino Pires Carneiro não dá mais o seu voto aos progressistas, mas sim á sr.^a Thereza Vendeira.

E' o melhor partido que conhece.

Um Socialista.

Espiritisações

O caso dos espiritos e almas do outro mundo continua a despertar um grande interesse e a dar-se-lhe as honras de successo fim de seculo.

Os amantes da pinga, depois de grandiosas *embocações*, debatem-se por essas ruas, em discussões mais ou menos proporcionadas ao caso.

O Manuel Chiné e o o *Cagilufus* são de opiniao que o *espiritismo* data desde os remotos tempos de Nié, mas concordam em que os factos espiritas virificatos no Porto, datam de alguns mezes apenas, pouco depois do grande incendio que destruiu uns grandes armazens de vinhos em Gaya, e em que mais de 600 pipas do *genuino*, que devia ser bebido pelos inglezes, rolou, como um grande rio, pelas ruas de Villa Nova de Gaya, fazendo os grandes e notaveis espiritistas do Porto e Gaya deposito do precioso liquido que lhes deva dar magnificas *apariciões*, durante alguns mezes com *emboações* bem feitas.

Porque, diziam elles, e parece que com razão: «o Porto e Gaya, só n'estes grandes cataclis nos dos grandes depositos de vinhos pode fazer *emboações* de espiritos bons; do resto, nas suas *emboações*, nunca obtiveram senão espiritos de sabugueiro, como quem diz, espiritos de baga e pan campeche».

Agora sim, têm os bons e de marca superfina, que estavam destinados aos inglezes.

*

Em geral, por cá, tirando os beberões, a meza de pé de gallo é que absorve todas as attentões no seio das familias.

O habil carpinteiro e bom amigo Manoel Russo, não tem mãos a medir para satisfazer todas as encomendas de mezas.

Primeiro quiz elle experimentar as *invocações* dos espiritos por esse processo, para avaliar em familia o valor que devia dar ás extraordinarias encomendas. Disseram-lhe que a meza devia ser de pé de gallo; tomou a palavra á risca:

—«Mulher, diz elle, tomou ali um gallo que ha dois annos tem a sorte talhada para o nosso jantar de domingo gordo: resolvei agora, que hoje mesmo, se mate o gallo, reservando uma das pernas cá para um pé de meza.»

A mulher cogitou trinta e uma mil coisas que lhe esclarecessem tão repentina determinação do marido.

Nada, porém, encontrava para lhe adinhar o seu ideal.

—«Oh! homem, valha-te Deus, o gallo está destinado para domingo gordo!»

—«Qual domingo gordo nem qual diabo, que-

ro hoje o pé de gallo, senão agarro-o, sarroto-lhe uma perna, e tu lá te arranjás!

Em vista de tão formal intimação, a mulher cosinhou o gallo, guardando a perna para o seu Manoel, que affadigamente arredondava uma taboasinha.

Depois de bem jantado e da meza prompta foi-se aconselhar para uma boa invocação.

Ao lusco fuscio recolheu a casa, internou-se no sótão entre dezenas de caixões de defunto, do seu fabrico, e toca a fazer a experencia!

A meza ficava muito baixa sobre o pé de gallo; põe-se de joelhos e ainda a meza lhe ficava muito *no fundo*. Ageitou-se o melhor que era possível e principiou solemne:

«Pelo principio do bem, da verdade e da justiça e em nome de Deus, do meu anjo da guarda e de todos os santos e santas, anjos, arcanjos, cherubins e saraphins e outras almas boas minhas conhecidas, peço que o espirito do melhor meu anjo aqui venha conversar conmigo, respondendo por intermedio da meza».

Esperou, esperou sem obter o mais leve movimento.

—«Meza! Ou fallas ou te leva o diabo, com um murrol!»

A meza *moita*.

Pum! Pum!... lá se acabou tudo!

Arreliado, triste e descrente, foi contar o sucedido á pessoa que lhe havia dado as indicações, a qual riu a bom rir e explicou: que o pé de gallo não era de carne e osso, mas sim de pau e deu-lhe um ligeiro desenho dizendo: «se você quer ver os espiritos, depois de invocar a meza esfregue bem o nariz (veja como o meu está como um pimentão) até cair em *transe* e depois me dirá».

O Manoel julgando fazer um bom negócio construiu mezas a seis vintens, resolveu que o seu preço ordinario fosse de 200 réis.

Foi para casa, construe a meza, segundo a fórmula, e principiou a invocação no mesmo local e theor, que descrevemos.

Poucos momentos depois da invocação, abaixou a luz, e um rato, . . . *ruque, ruque, ruque* . . . na madeira dos caixões, dando-lhe a ideia de um antigo musico da banda *barcellense* que tocava caixa forte: —o Manoel Zé.

—«Cá está elle, disse o Manoel cheio de satisfação, vou pelo meu *baixo* para acompanhar; assim melhor poderei contentar o meu desejo».

Trouxe o *baixo* e principiou: pó, pó pó pó, pó! O rato calou-se.

Nada! . . . O espirito entendeu, e bem, que um *baixo* a acompanhar uma *caixa* seria uma coisa nunca vista; e pensando muito tempo, levantando os olhos para o tecto de onde, por um buraco, que communicava com a cosinha, sahia uma *restea* de luz, bradou:

—«Alto! Cá estão as phosphorescencias! Lá se

vê nitidamente; e mais além uma sombra com formas (era a projecção da sombra do candieiro na parede) que bem parecem do tal fallecido muzico!»

Lembrou-se então de esfregar o nariz, mas, como já era tarde, a mulher, pelo buraco do soaltho, chamou:

—«Manoel, anda te deitar!»

Elle subiu e disse á mulher: Vou esfregar-te valentemente o nariz...

—«Tu estás tolo Man vell»

—«Qual tôlo nem qual carapuça!... vou esfregar-te o nariz.»

—«Para qué? . . .»

—«Para vêr o espirito materialisado!»

—«Não consinto que m'o esfregues!»

—«Pois esfrego-t'o, dá por on le der! . . .»

—«Mas tu não vês que an lo constipada e que o trago como um pimentão!»

Pois então esfrega-m'o anim...

—Tu és um tôlo!»

Esfrega-m'o até se vêr a materialisação! . . .»

.....
Durante algum tempo continuou esta teimosia entre ambos até que caíram em *transe*...

O espirito, então, prometeu-lhes uma appareção dentro em breve.

Para concluir dirêmos que o bom do Manoel Russo é um excellente artista e que faz mezas de pé de gallo na perfeição.

Expediente

Não saiu domingo a «Lgrima» por falta de gravuras e ainda não sairia hoje, pelo mesmo motivo, se não resolvessemos publical-a sem ellas, pedindo d'essa falta desculpa aos nossos assignantes, menos ao sr. José Dias Fernandes Alvin, d'Apulia, que d'ora ávante deixa de o ser, por nos pregar o *jaco*.

Album da «Lgrima»

N'uma arvore do Campo da Feira lia-se ha dias:

Quem perdese um guardaçole na feira da olva fule coma senhora Rojalía martins da fregezia de Vilar-do monte q. save quem o achou dando as sa-naes certos a recevio.

*

Quem entrar no nosso theatro Gil Vicente, lê:

Joaquim José da Silva foi que apilarão as portas todas.